

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica

CASA AMA DE IJUÍ-RS E A DANÇA COMO DISPOSITIVO TERAPÊUTICO NO AUXÍLIO DA DESINSTITUCIONALIZAÇÃO DA LOUCURA/DESTRUTURAÇÃO DAS PRÁTICAS MANICOMIAIS.¹

Viviane Gonçalves Da Silva², Eloisa Borkenhagen Bohrer³.

¹ Projeto de pesquisa realizado no curso de Educação Física da Unijuí

² Aluna do Curso de Educação Física da Unijuí

³ Professora docente do curso de Educação Física da Unijuí

INTRODUÇÃO

Loucura ou insanidade, segundo a psicologia, é uma condição em que a mente humana se caracteriza por pensamentos considerados anormais pela sociedade, resultando na doença mental. Eis que surgem na Idade Média os hospícios e asilos manicomiais – espaços criados para acolher e promover o tratamento dos pacientes cujo princípio partia do isolamento destes com o convívio social (PSICOLOGIA.NET, 2010). No entanto, segundo Lima e Guimarães (2014) o surgimento do movimento da Reforma Psiquiátrica e o Movimento Antimanicomial na década de 1970 enfatizam que como todo cidadão estas pessoas têm o direito à liberdade, a viver em sociedade, a receber cuidado e tratamento sem abrir mão de seu lugar de cidadãos. A meta do movimento é a substituição progressiva dos hospitais psiquiátricos tradicionais por serviços abertos de tratamento e formas de atenção dignas e diversificadas de modo a atender às diferentes formas e momentos em que o sofrimento mental surge e se manifesta, ampliação dos Centro de Atendimento Psicossocial CAPS 24 horas, melhoria da qualidade e dos serviços, atividades terapêuticas, oficinas e trabalho com a arte, e até mesmo a geração de renda.

As reflexões que aqui serão apresentadas originam-se das vivências do trabalho voluntário da autora no espaço supracitado que tem como objetivo compreender de que forma a dança pode influenciar na desinstitucionalização da loucura e no auxílio à desconstrução das práticas manicomiais.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caráter de pesquisa ação, e abordagem qualitativa. Este tipo de pesquisa é caracterizado por ser concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1986, p.14). Para análise dos dados são utilizadas observações a partir das intervenções do observador registradas em diário de campo, bem como, relatos orais dos participantes, sendo um grupo misto de homens e mulheres de aproximadamente 20 participantes – o grupo é aberto, por muitas vezes tínhamos visitantes – de faixa etária de 30 a 80 anos. Os encontros aconteceram/acontecem todas as quartas-feiras das 16 horas às 17 horas, há exatamente 3 meses. As atividades de análise ocorreram semanalmente durante os meses de abril, maio e junho/2016, porém, as práticas de dança continuam acontecendo.

Foram tomados todos os cuidados éticos preservando o nome dos envolvidos no processo de estudo.

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Revela-se imprescindível aproximar conceitualmente os elementos que compõe nosso campo investigativo: a “loucura” e a Dança. É na instância corporal que esta relação se manifesta, se constrói, cai por terra e começa tudo nova e infinitamente. Assim, nosso estudo permitiu desvelar a experiência da desconstrução de corpos, insanamente “apagados” no campo “das loucuras”. Encontramos o que Deleuze e Guattari (apud REIS; FERRACINI 2016) chamam de corpos fragilizados e fragmentados por vivências de fluxos desconexos e intensidades desagregadoras. Sujeitos que, por muitas vezes, afastados de afeto são esquecidos em seus devaneios, com linguagem e expressão reprimidas pela imensidão demasiada no caos.

Nessa perspectiva Pelbart (apud REIS; FERRACINI, p. 135, 2016) argumentam que:

Há na loucura um sofrimento que é da ordem da desencarnação, da atemporalidade, de uma eternidade vazia, de uma historicidade, de uma existência sem concretude (ou com excesso de concretude), sem começo nem fim, com aquela dor terrível de não ter dor, a dor maior de ter expurgado o devir e estar condenado a testemunhar com inveja silenciosa a encarnação alheia.

A partir deste viés, que nos permite refletir sobre o corpo e a “loucura”, que é possível criar com a vivência da dança, novos caminhos e possibilidades que permitam a reestruturação da saúde mental. Apostamos aqui, que cada encontro se torna uma nova possibilidade de transformação dos indivíduos participantes. Que as práticas vivenciadas por eles, funcione com dispositivo terapêutico. Ao iniciar as práticas dentro do espaço já citado, a atividade chamada de roda de socialização, onde os participantes são motivados a conversar acerca de seus medos e anseios e suas expectativas com dança demonstrou-se de extrema importância frente ao objetivo do estudo. Foi possível analisar através da escuta particularidades das patologias, gostos dos participantes, e traçar estratégias de como viabilizar o contato com a Dança, foco de nossa intervenção. As atividades a serem propostas deveriam primar pelo fortalecimento dos vínculos afetivos entre todos os envolvidos, para construção de um clima de confiança.

Nos primeiros encontros alguns participantes mostraram-se resistentes, com dúvida quanto ao seu envolvimento com as atividades. Porém, no decorrer de um curto período de tempo foi possível perceber que os laços de afetividade e confiança foram fortalecidos e resultados significativos alcançados, principalmente em relação a participação nas atividades. Pudemos perceber nos relatos dos participantes, um alto nível de excitação quando falavam de como estavam se sentindo, “Mais feliz!”, “Relembrando os tempos de antigamente!”, “Esqueci do mundo e dos problemas”, foram as frases mais frequentes.

A dança como auxílio terapêutico foi proporcionada aos participantes de forma lúdica e recreativa, sem deixar de lado as preocupações com o lado emocional, saúde e bem-estar físico-mental. Sendo assim, através destas atividades, e os diversos depoimentos alimentaram ainda mais o desejo de realização da dança como terapia neste espaço.

A partir das atividades, foi possível montar uma coreografia de dança para o grupo realizar apresentações. A primeira apresentação foi realizada em Santa Maria/RS, durante o I Encontro de Associações da Saúde Mental, onde os participantes, além da apresentação, participaram de socializações e fóruns acerca da desinstitucionalização da loucura e luta antimanicomial. Este momento foi de extrema importância para os participantes, segundo os relatos dos mesmos,

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica

participar de uma apresentação lhes proporcionou momento de muita felicidade, ficaram completamente satisfeitos.

Ressaltamos aqui a importância da dança como um grande dispositivo terapêutico que temos com estes sujeitos. Além da promoção de saúde, conhecimento e movimento corporal, a dança se tornou uma grande aliada na busca do estabelecimento da relação terapêutica entre usuários, pois foi possível identificar, através do relato das estagiárias de psicologia que também atendem os participantes deste espaço, que muitos integrantes só começaram a participar do espaço de fala e escuta a partir das experiências com a dança. Assim, comprovamos que a arte é um poderoso dispositivo terapêutico para trabalharmos com grupos, principalmente na saúde mental.

Segundo Lima e Guimarães (apud CASTRO, P. 243, 200")

A dança é uma arte na qual o homem expressa a sua interioridade e amplia a experiência sensível de si mesmo e do mundo que o circunda. Através dela é possível despertar o movimento expressivo. Entendido como produção de mundo interior e constituído por gestos que representam ideias, sentimentos, pensamentos, sensações e também conteúdos inconscientes.

Valladares (apud LIMA; GUIMARÃES p. 104, 2003) afirma que as oficinas terapêuticas são atividades de encontro de vidas entre pessoas em sofrimento psíquico, promovendo o exercício da cidadania, a expressão de liberdade e convivência dos diferentes, através, preferencialmente, da inclusão pela arte. No mesmo parâmetro, enfatiza-se a importância de esclarecer os objetivos das oficinas, por estarem ligadas a outro paradigma que ampara a Reforma Psiquiátrica no Brasil: a reabilitação psicossocial, desinstitucionalização da loucura, que tem por objetivo específico recuperar o "louco" como cidadão, por meio da inserção do paciente psiquiátrico na vida social, no trabalho, nas atividades artísticas, artesanais, e até acesso aos meios de comunicação. A autora acima mencionada, também chama atenção para que o trabalho com as oficinas não caminhe em direção a não-humanização da loucura, ou seja, que viabilizem ações terapêuticas, mas que estas não estejam impregnadas de "manicômios invisíveis".

CONCLUSÃO

É possível concluir vários pontos positivos a partir destas análises. Primeiramente, a importância da Luta Antimanicomial e das Leis da Reforma Psiquiátrica, ou seja, a desinstitucionalização da loucura e a desconstrução manicomial em sua mudança de paradigma, voltada para uma lógica de promoção de saúde mental, e não para o encarceramento, e sem focalizar a doença. E promover assim, novas alternativas de viver, conviver e se relacionar com a "loucura", onde os usuários e profissionais de saúde mental possam se unir para desenvolver dispositivos terapêuticos a fins de estabelecer e concretizar a liberdade e a autonomia da loucura.

A instituição já citada, fonte de nossas pesquisas, tem como finalidade buscar exatamente esse conceito de saúde mental, onde o principal objetivo é desenvolver a promoção desse novo paradigma na saúde mental. Ao refletir nos objetivos e nas reivindicações que a trajetória da Luta Antimanicomial busca, é possível perceber que a mesma, é um ambiente de apoio ao sujeito, que através da interação com o outro, se estabelece um processo de identificação ou empatia, promovendo a melhora do sujeito. O usuário deste espaço, possui todo o apoio e o suporte necessário para o seu resgate a realidade, para que após, consiga voltar a sociedade mais fortalecido, compreendendo a sua doença e aceitando-a.

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica

Sendo assim, as práticas de dança realizadas, contribuiu fortemente na melhoria da saúde mental dos usuários/participantes da casa. Fica evidente que essas atividades operam como dispositivo terapêutico, não considerando apenas o sentido tradicional de cura, pois não se pretende eliminar a doença, mas sim, uma alternativa em que o sujeito tenha a oportunidade de lidar da melhor forma possível com seus sintomas e desejos, possibilitando melhorias significativas na saúde mental. “A loucura e o sofrimento psíquico não precisam mais ser removidos a qualquer custo e são reintegrados como partes da existência do sujeito” (LIMA; GUIMARÃES, p 124, 2014)

BIBLIOGRAFIA

ASSOCIAÇÃO DE VOLTA DE PARA CASA, ASSOCIAÇÃO JOSÉ MARTINS DE ARAÚJO JR. Disponível em: <<http://www.assdevoltaparacasa.org.br/page.htm>>. Acesso em 03 de julho de 2016.

FERRACINI, Renato; REIS, Bruna Martins. Dança e Saúde mental: ações de potência. ARJ-Art Research Journal, v. 3, n. 1, p. 129-141, 2016.

LIMA, Maristela Viana; GUIMARÃES, Samuel Macêdo. Possibilidades terapêuticas do dançar. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health, v. 6, n. 14, p. 98-127, 2014.

MILLER, J. Qual é o corpo que dança? Dança e educação somática para adultos e crianças. São Paulo: Summus editorial, 2012.

PSICOLOGIA.NET. Disponível em: <<http://psico002.blogspot.com.br/2010/01/o-que-e-loucura.html>>. Acesso 03 de julho de 2016.